

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VI Nº 22 VIANA-MA, NOVEMBRO DE 2008



VIANA
251
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

RENOVAM-SE AS ESPERANÇAS

As eleições findaram-se, depois de uma campanha acirrada, talvez a maior de todos os tempos, e o resultado foi a continuidade administrativa com a reeleição do atual prefeito.

Cada eleição é uma oportunidade que o eleitor tem para exercitar sua cidadania e mostrar que está apto a conviver com o processo democrático, em que sempre haverá vencedores e vencidos.

Mas, o nosso propósito não é comentar as eleições e sim alardear nossas esperanças e fazer apelos aos eleitos.

A Academia Vianense de Letras, que tem contribuído para a elevação cultural desta cidade, continua sem sede própria. Esperamos que o novo mandato conferido ao atual prefeito resulte na edificação de nossa sede, a exemplo de outros municípios que já tiveram suas sedes inauguradas.

Temos um número crescente de jovens desempregados e desqualificados para a competição do mercado de trabalho, por falta de oportunidade de fazerem cursos específicos, cursos profissionais que os capacitem à busca de empregos.

Nossa escola de música está em situação precária, sem incentivo e sem estrutura adequada para funcionamento.

A sociedade civil precisa organizar-se para reivindicar melhorias, em todos os níveis, sem qualquer cor partidária ou intrigas miúdas.

E os vereadores, os novos vereadores?

Uma Câmara Municipal atuante é indispensável para a garantia do controle administrativo do município, desde que seus membros não se deixem contaminar por vícios do partidarismo egoísta.

É difícil compreender que a Comarca de Viana, criada desde 1835, não disponha de um Fórum, quando todas as comarcas vizinhas já estão com seus fóruns em funcionamento. O Tribunal dispõe de recursos para construir o prédio, mas a doação do terreno, na área urbana da cidade, não anda nem desata, simplesmente por conta de manobras individuais, em detrimento do bem comum da coletividade. Enquanto isso, o povo fica prejudicado, pois o espaço de um Fórum é indispensável para facilitar o acesso à Justiça.

Nosso jornal, nossa Academia, reclama dos eleitos que tenham efetivos compromissos com a nossa cidade, para atender com visão futurista às suas necessidades e corresponder aos anseios de mudanças que foram depositados nas urnas em forma de voto.

Estamos em novo século. Não é mais possível fazer política com as idéias dos tempos dos coronéis. Política é povo, é coletivo, é cidadania, é gestão, é o bem comum.

As nossas esperanças, renovadas com os novos mandatos que se iniciam, clamam pelo progresso de Viana.

Casa do padre Eider Silva

LUIZ ALEXANDRE



Situada na atual Rua Dom Hélio Campos (antiga Rua do Sol, que também já se chamou Dom Helvécio), a casa de nº 166, originalmente, era uma meia morada quase toda de adôbo ou taipa, pertencente a Francisco Raimundo da Silva, que ali residia em companhia de sua irmã, Apolônia Amália da Silva. Em maio de 1906, o proprietário doou o imóvel aos sobrinhos Francisco Raimundo da Silva Sobrinho, João Manuel da Silva, Raimunda de Aragão e Silva, Luísa de Aragão e Silva e Isabel de Aragão e Silva. De todos estes irmãos herdeiros, a metade do valor da casa ficou para o primeiro que, além de sobrinho, era filho adotivo do velho Francisco Raimundo da Silva.

Seis anos antes, em 1900, Francisco Raimundo da Silva Sobrinho havia se casado com Maria Fernandes Furtado (Cotinha), mudando-se em seguida para o Barro Vermelho (atual Cajari), onde nasceriam todos os sete filhos do casal: Raimunda (Mundoquinha), Joaquim, Edith Nair, Benedito, João, Eider e José Manuel.

Após o falecimento do antigo proprietário Francisco Raimundo da Silva, a casa permaneceu alugada até 1928, quando também morreu Francisco Raimundo da Silva Sobrinho que continuava residindo no Barro Vermelho. Nesse mesmo ano, depois de ficar



JOAQUIM GOMES

Com acolhedora simpatia, padre Eider (91 anos) recebe visitas, diariamente, no terraço de sua residência

viúva, D. Cotinha retornou para Viana com os filhos menores, a fim de acompanhar Edith Nair que vinha transferida da Escola Mixta da Vila de Monção (onde lecionava desde 1925) para a Escola Primária de Viana.

Assumindo a função de chefe da família, a jovem professora Edith Nair, com os seus parcos vencimentos (reforçados pela escolinha particular, instalada na sala da frente da casa), providenciou uma série de reparos no prédio já bastante arruinado, tentando conservar o que fosse possível. Algumas paredes foram reconstruídas, inclusive a da frente da casa, que ganhou o feitiço como se vê atualmente. A porta de entrada, que ficava no corredor, foi deslocada para o terraço ao lado. O piso também sofreu algumas alterações.

Depois de falecidos todos os sobrinhos herdeiros do imóvel, os

filhos de Francisco Raimundo da Silva Sobrinho e Maria Furtado da Silva (Cotinha) doaram a referida casa à sua irmã, Edith Nair.

A casa conserva intactas várias características das antigas moradas vianenses, como a entrada ornamentada por plantas e flores e o quintal cheio de árvores frutíferas. Outro atrativo é a vista privilegiada do lago que se desfruta dos fundos do imóvel.

Não somente por se tratar de um belo exemplar da arquitetura colonial da cidade, a casa possui singular valor histórico por ter sido a residência da professora Edith Nair Furtado da Silva (patrona da AVL) e atual morada do padre Eider, ambas figuras de inestimável significado para a recente história de Viana.

Que seus futuros herdeiros saibam, portanto, valorizar e conservar este prédio de memórias tão caras para todos nós.

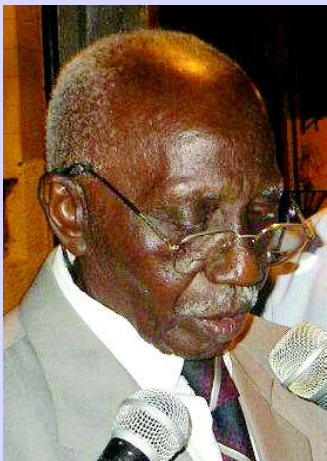
HONRA AO MÉRITO VIANENSE

Aos 86 anos, o Sr. José Soeiro receberá a placa de "Honra ao Mérito Vianense", durante reunião solene desta agremiação cultural, programada para o próximo dia 22 de novembro, às 20 horas, na Igreja Matriz.

Ferreiro profissional e católico atuante (durante muitos anos foi um dos responsáveis pela organização da famosa festa de N. S. de Nazaré), o Sr. José Soeiro, que ainda registrou suas memó-

rias nos livros *Terra Querida* (2003) e *Viana te amarei por toda a vida* (2007), personifica muito bem o pai de família e cidadão vianense exemplar.

A placa foi criada com o objetivo de destacar personagens que de algum modo prestaram serviços à coletividade local ou simplesmente enaltecem a cidade pelo testemunho particular de vida, como é o caso do Sr. José Soeiro.



Carta recebida

Rio de Janeiro, 30/09/2008.

Meu caro presidente
Luiz Alexandre,

Cada vez que, mesmo de longe, fico a lembrar e relembrar de minha querida Viana, o que faço com muita frequência, sinto uma acentuada "taquicardia espiritual", ao perceber, sem saudosismos, quanto nossa cidade era melhor nos tempos passados.

Dirão alguns, mas nesse tempo, não havia luz elétrica, nem televisão, nem estradas, a maioria das ruas não possuía calçamento, o comércio era modesto, o número de escolas e de mestres era bem pequeno, não corria tanto dinheiro como hoje etc.

Tudo isso, sem dúvida, é verdade, mas as pessoas tinham alma, mais sentimentos, não tinham grandes ambições, eram ricos em solidariedade humana. Não havia poderosos ricos, mas também não havia pobres miseráveis. Suas casas eram modestas, mas de bom gosto, com razoável conforto, sem duvidosas decorações, nem penduricalhos de mau gosto.

Hoje, vejo como aos poucos, vai-se destruindo uma história rica de homens, de cultura e de coisas.

Estou relendo o n° 19 de nosso "Renascer Vianense" (fev/08), em cujo editorial lê-se sobre o abandono ao meio-ambiente, sobre a situação calamitosa do lago e de nossas matas, da ausência de urbanização planejada e do saneamento básico. Não posso deixar silencioso meu lamento sobre a demolição de velhos casarões históricos e casas de bom estilo arquitetônico, enquanto novos arremedos de "construções" de profundo mau gosto agredem uma tradição de, até certo ponto, tombada pelo patrimônio histórico e cultural.

E o pior de tudo, essa devastação vem sendo praticada até por pessoas a quem cabia o dever funcional e profissional de impedir esse lamentável estado de coisas e de preservar a memória de nossa cidade.

Assim aconteceu com a "Casa de Seu Gegê," onde hoje funciona o "Banco do Brasil"; com o tradicional sobradão do Dr. Ozimo de Carvalho, hoje um pedaço de chão trazendo grande saudade. Não diferente foi a sorte da Prefeitura Municipal. Assim também aconteceu com a fachada da centenária Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição, não escapando nem sua parte interna. Não sobrou nem o "Porão", testemunha que foi de tantos carnavais sadios, e tantos outros pontos marcantes da velha cidade, hoje autênticos fantasmas perambulando por nossa memória.

Como filho dessa terra de tantas recordações pessoais e funcionais, berço natal que hoje se torna vítima da indiferença, ignorância ou má fé de muitos outros ali nascidos, ou abrigados carinhosamente por um povo simples, mas hospitaleiro, cumpre-me o dever de firmar este modesto ponto de vista, ou pacífico protesto contra as péssimas administrações municipais de um passado não muito distante de nossos dias, que serviram de mau exemplo para particulares a repetir a mesma tragédia de matar a própria mãe, berço natal, para obter vantagens individuais e egoísticas.

Faço um apelo ao atual prefeito municipal, de mãos dadas com nossos representantes na Câmara Municipal, ao Ministério Público, ao Poder Judiciário, à Associação Comercial, ao Departamento do Patrimônio Cultural Histórico e Artístico do Estado, ao Comitê de Defesa do Patrimônio de Viana, à Fundação Conceição do Maracu, à Academia Vianense de Letras, à Diocese de Viana, aos segmentos religiosos das diversas crenças, ao comércio, em geral, enfim a todos os segmentos responsáveis e conscientes da sociedade para que se engajem num mutirão cultural, a fim de que sobre nossa terra não recaia a terrível maldição de que "um povo que não preserva sua história não tem moral para construir seu futuro".

Heitor Piedade Júnior.

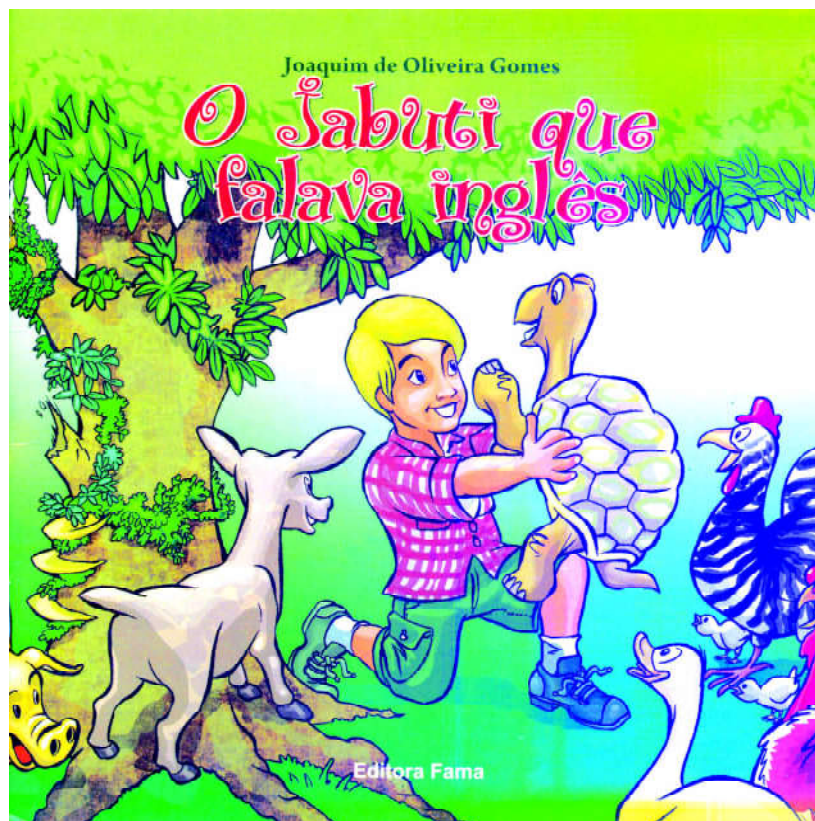
O Jabuti que falava inglês

O acadêmico Joaquim de Oliveira Gomes lançará no próximo dia 22 (sábado), em reunião da AVL a realizar-se às 20 horas na Igreja Matriz, o livro de conto infantil intitulado "O Jabuti que falava inglês".

Lançado em São Luís no dia 12 de outubro passado, durante a realização da Feira do Livro, na Praça Maria Aragão, o livro conta a história real de um menino norte-americano, chamado Pedrinho, que residiu com a família em Viana no final da década de 1970.

Mesclada de boa dose de fantasia, a história retrata o choque cultural do garoto, oriundo de uma cultura tão diferente daquela encontrada numa cidade do interior maranhense. As descobertas fascinantes, como o contato com animais que ele só conhecia através da TV, são narradas no livro de forma a despertar, nas crianças, o respeito e amor pela natureza.

Primeira obra de um vianense voltada para o público infantil, o livro merece destaque não apenas pelo valor literário, mas principalmente pelo inerente mérito pedagógico. Sabendo-se que a infância é a fase de vida, na qual os hábitos e primeiras impressões do mundo são decisivos na for-



mação da personalidade do futuro adulto, torna-se importantíssimo colocar ao alcance do leitor mirim uma literatura agradável que o incentive a gostar dos livros, ao mesmo tempo em que contri-

bua para o reforço de seu processo educacional.

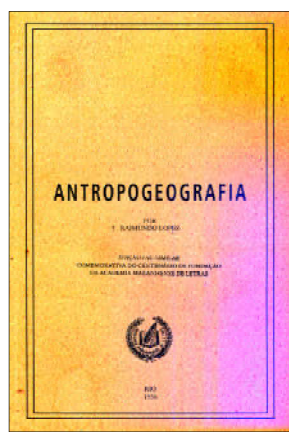
"O Jabuti que falava inglês" certamente poderá dar essa contribuição às crianças vianenses da atualidade.

AML relança livro de Raimundo Lopes

A Academia Maranhense de Letras, em edição comemorativa do seu centenário, reeditou, em edição fac-similar, a obra do vianense Raimundo Lopes, ANTROPOGEOGRAFIA.

Trata-se de um estudo profundo que o cientista e historiador vianense fez sobre a vida em nosso continente, abrangendo aspectos geográficos, antropológicos e ambientais. A primeira edição saiu em 1956, mas já esgotada há muitos anos, raramente era encontrada nos sebos de São Luís.

Em Viana, o livro pode ser lido no Centro de Estudo e Pesquisa Isabel Serejo.



À página 246 do livro em epígrafe (revisado pelo próprio autor pouco antes de sua morte, ocorrida em oito de setembro de 1941), ao referir-se às origens de sua cidade natal, Raimundo Lopes diz:

A Missão do Maracu – Num desses artigos, tratei do "Cemitério dos Tamarindeiros", no local do antigo engenho de S. Bonifácio do Maracu, da missão jesuítica da Conceição, hoje cidade de Maracu. Chamo a atenção para esses vestígios da catequese e, especialmente, como dignos de zelosa conservação, para os três velhos tamarindeiros que deram o nome ao cemitério, e para a imagem de S. Bonifácio, como relíquia, que está hoje na vila de Penalva e que é a mesma dada à missão do Maranhão, pelo Papa, juntamente com a de S. Alexandre, do Colégio do Pará, segundo relata, na sua crônica, o Padre J.F.Bettendorf.

A tradicional festa de S. Braz de Viana, no lugar Araçatuba, onde houve uma missão, talvez remonte ao tempo dos jesuítas; consta da tradição local que, antes de ir parar em Penalva, a imagem de S. Bonifácio esteve na antiga capela de S. Braz, onde se celebrava o protetor dos órgãos vocais, com novenas acompanhadas de danças intermináveis, nos bons tempos do século passado. Por estes casos de minha região natal vê-se quanto importa, para a conservação de relíquias da terra e do passado, o complexo conhecimento das circunstâncias e das tradições locais.

Pollyanna Mendonça tem pesquisa publicada em livro

Resultado do I Seminário de Pós-Graduandos em História da Universidade Federal Fluminense, realizado em 2006, foi lançado no último dia 10 de outubro, em Niterói, o livro "Espelhos Deformantes: fontes, problemas e pesquisas em História Moderna".

O livro, lançado pela editora paulista Alameda, é uma coletânea de trabalhos escritos por historiadores de vários Estados brasileiros, destacando-se, entre estes, a tese de mestrado da maranhense Pollyanna Gouveia Mendonça, intitulada "Padres e adúlteras: concubinato no bispado do Maranhão no século XVIII".

A obra promete alcançar e incentivar jovens historiadores brasileiros quanto à relevância da pesquisa em fontes primárias, como é o caso do arquivo do episcopado do Maranhão colonial que, segundo Pollyanna, possui grandes potencialidades para diversificadas pesquisas no futuro.



Preservação do centro histórico

Casa de Zoeth Pinheiro

Ao contrário do que faz a maioria dos vianenses proprietários de prédios coloniais, a procuradora de Justiça aposentada, Rosa Maria Pinheiro Gomes, acaba de dar um belo exemplo de amor e respeito ao patrimônio histórico da cidade.

Herança dos pais adotivos Raimundo Coelho Pinheiro e Zoeth Cunha Pinheiro, a casa tornou-se residência de Rosa Maria desde os oito anos de idade, quando foi adotada pelo casal. E mesmo depois do casamento com Belarmino Pereira Gomes, em 1959, continuou residindo ali, onde nasceriam os seus quatro filhos.

Na década de 1970, quando ainda não havia preocupação com a preservação da arquitetura colonial da cidade, Rosa e Belarmino decidiram “modernizar” a fachada da residência. Desse modo, o formato arredondado da porta e das janelas foi substituído pelo formato retangular, sendo retiradas também suas molduras. Na fachada da casa foram colocadas lajotas brilhantes, muito em moda na época.

Transcorridos mais de trinta anos, agora consciente da importância de

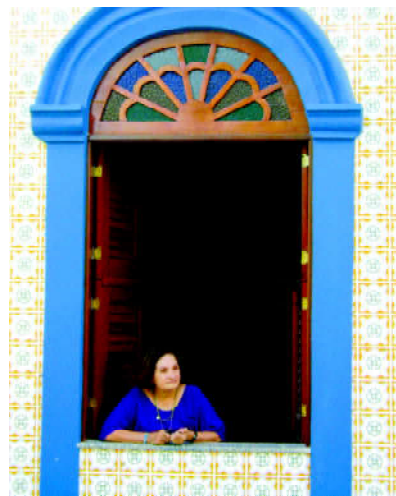


O prédio de nº 183 da Rua Antônio Lopes com sua fachada recuperada

preservação da memória vianense, a acadêmica da AVL decidiu recompor a antiga fisionomia do imóvel. Assim, num trabalho completo de restauração, a casa teve sua fachada original recuperada, sofrendo apenas um significativo acréscimo:

no intuito de homenagear a cidade, a proprietária mandou revestir a fachada do imóvel com o mesmo modelo de azulejos que, no passado, revestiam o prédio da Prefeitura Municipal.

Dessa maneira, Viana ganhou



O retorno ao passado: emoldurada pela imponência da arquitetura colonial, Rosa Maria P. Gomes à janela do imóvel restaurado

um novo estímulo na difícil batalha pela preservação de seu centro histórico. Rosa Maria e Belarmino estão de parabéns.

Que o feito deles possa servir de exemplo para outros proprietários de imóveis antigos da cidade!

CONHECENDO OS SÍMBOLOS E MONUMENTOS DA CIDADE

IMAGEM DE SÃO BONIFÁCIO

LUÍZ ALEXANDRE

Relíquia de grande valor histórico, a imagem de São Bonifácio foi um presente do Papa Urbano VIII, aos padres jesuítas, como bênção e incentivo pelo importante trabalho desempenhado pelos religiosos na evangelização dos povos do Novo Mundo.

A imagem desembarcou no Maranhão no dia 2 de dezembro de 1652, sendo recebida pelo padre Antônio Vieira, que a fez conduzir em procissão até a capela de N. Senhora da Luz, em São Luís, onde permaneceu por aproximadamente trinta anos.

Em 1683, com a fundação da Missão N. Senhora do Maracu (marco inicial da futura cidade de Viana), estima-se que os jesuítas tenham trazido a imagem do santo para abençoar as atividades do Engenho São Bonifácio, situado às margens do atual Igarapé do Engenho.

Após o ano de 1757, com a elevação da antiga aldeia à condição de Vila, a imagem permaneceu durante muito tempo na Capela de São Brás da fazenda de Araçatuba. Segundo consta, teria sido levada depois para Penalva, retornando a Viana nas décadas de 1930 ou 1940, quando ficou exposta em um dos nichos da Igreja de São Benedito por alguns anos.

Mais tarde, já no paróquiato do padre Manoel Arouche, a imagem novamente foi levada para Penalva, permanecendo ali até março de 2007, quando uma missão, composta pelo Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico Vianense e técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), recebeu das mãos do pároco daquela cidade, padre Wilson Cordeiro, a valiosa relíquia.

Autêntico e raro exemplar da



arte sacra do século XVII, a imagem de São Bonifácio é toda confeccionada em madeira polícromada, mede 66 cm de altura, e carrega no peito um pequeno relicário, contendo um fragmento de osso do santo mártir da Igreja Católica.

Necessitando de pequenos reparos, a peça sacra encontra-se atualmente em Belém (PA), sob a responsabilidade de um restaurador credenciado pelo Iphan, enquanto tramita por Brasília seu processo de tombamento como objeto de interesse nacional.

Por questões de segurança, já que a Igreja Matriz de Viana não oferece condições para tanto, a imagem, através de um contrato de comodato celebrado entre a Diocese de Viana e a Secretaria de Estado da Cultura, ficará sob a guarda desta última, devendo ser colocada em exposição pública no Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, tão logo retorne da capital paraense.

MARIA DE JESUS GOMES PADILHA

★ 23/06/1938

† 07/09/2008

Maria Vitória dos Santos

Exatamente no dia sete de setembro, data da comemoração da Independência do Brasil, Deus a chamou para junto de si. Embora todos nós, amigos mais próximos, já soubéssemos de seu grave estado de saúde, a notícia de seu falecimento nos pegou de surpresa e nos deixou entristecidos.

A data da sua partida, entretanto, não deixou de ser marcante para todas as comunidades nas quais ela trabalhou, pois a morte de uma professora de seu quilate, num momento tão festivo para as escolas, certamente não foi mera coincidência.

Os desígnios de Deus muitas vezes são incompreensíveis para nós pobres mortais, porém a morte é o caminho natural de cada ser vivente. A ausência física da professora D'jesus Padilha, hoje, nos traz muitas saudades, mas com certeza ela está no lugar que conquistou durante sua caminhada neste mundo. Um pensador disse certa vez: **Se cada um de seus dias for uma centelha de luz, no final de sua vida você terá iluminado uma boa parte do mundo.** D'jesus Padilha foi essa luz que iluminou e resplandeceu na educação de Viana, durante os anos em que tivemos o privilégio de contar com sua orientação.

Não se limitando a ser apenas a profissional zelosa, competente e eficiente a serviço do Estado, ela foi mais além, porque conhecia cada um e a todos tratava com a imparcialidade do verdadeiro afeto. Era a amiga que ouvia e tinha a palavra certa para o aconselhamento de quem a procurava, mesmo que fosse para simples confidências. Seu espírito generoso sobrepunha-se à imagem de austeridade e a transformava naquela pessoa que parecia fazer parte da famí-



lia de cada um. Por tudo isso foi muito amada e será inesquecível. Sabia ser severa nos momentos necessários, mas era dócil quando a situação assim o exigia.

Doravante não se poderá falar em educação de qualidade, em Viana, sem mencionarmos o seu nome. Todos os municípios jurisdicionados à nossa cidade mereceram dela a mesma atenção, o mesmo zelo e o mesmo caminho.

Maria de Jesus Padilha não era vianense de nascimento, mas soube conquistar seu lugar de destaque no seio de nossa coletividade. Tanto é que recebeu o título de cidadã vianense, outorgado pela Câmara Municipal. Nada mais justo para alguém que dedicou boa parte de sua vida à educação local, dando todo o desvelo de que foi capaz.

Assim, em nome de todo magistério vianense e dos municípios que fazem parte da U.R. de Viana, em nome de todos os seus amigos, elevamos nossas preces a Deus para que Ele lhe conceda o bom lugar que ela merece. Que sua alma descanse em paz e que seu exemplo sirva para renovar o ânimo de todos nós que aqui ficamos e aqui continuamos com a responsabilidade de fazer da educação a missão maior de nossas vidas.

O ACERVO JU

1.449 documentos e objetos, conservados em um velho baú, comp

**Pollyanna Gouveia Mendonça*

Ainda na infância, passava longas horas na casa dos meus avós, no antigo solar dos Lopes da Cunha à Rua Grande. Aquele era o meu espaço de descobertas. O meu avô, João Cunha Gouveia, era quem cuidadosamente preservava os objetos, os quadros, as imagens de santos e um baú que sempre me encantou. Vovô andava com a chave daquele baú sempre no bolso e aí de quem perguntasse o que havia ali dentro. Eu acreditava que fosse um tesouro como o dos livros infantis sobre piratas.

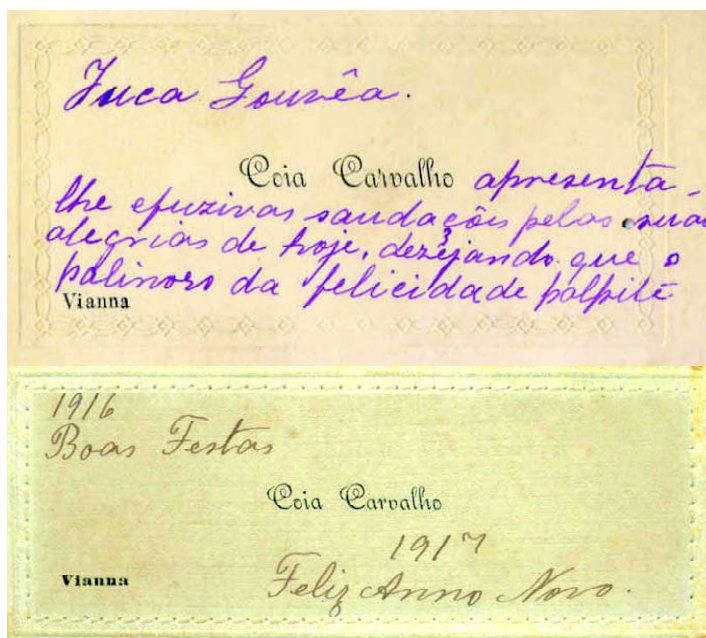
Quando presenciei o baú ser aberto, pela primeira vez, vi um amontoado de livros, papéis e alguns pequenos objetos. O tesouro mesmo, só viria a descobrir pouco depois de sua morte. Como historiadora é que tive a sensibilidade e o olhar profissional para avaliar que se tratava de um rico acervo familiar, através do qual é possível reconstruir redes de sociabilidade, aspectos do cotidiano e dos costumes dos vianenses do início do século XX.

No baú do vovô aparecem documentos comerciais, balanços, escrituras, orações, poemas, cartões, diários e, principalmente, cartas de um longo período que vai de 1907 a 1974! Nessas cartas desfilam frente ao leitor grandes personagens da história da cidade como Ozimo de Carvalho, Sálvio Mendonça, o maestro Miguel Dias, Anica Ramos, Benedito Gomes, João de Parma, Edgard Serzedelo Carvalho, Astolfo Serra, dentre outros. Essas cartas eram endereçadas geralmente a João Carlos Gouveia (Juca), meu bisavô, e a sua irmã Ovídea Ozima Gouveia (Vidoca). Nelas aparecem detalhes da genealogia dos Cunha e Gouveia; Joanna Gouveia com seus filhos Juca, Vidoca, Luiz (Lolô), Izaura, Izabel (Biloca) e ainda os filhos de Isaura e Mariano Cunha; Benedita, Florita, Zoeth, Zeíla e Claudionor (Sinhô).

Este baú pertenceu inicialmente a João Rodrigues da Cunha Júnior, meu trisavô, e traz na tampa uma inscrição com as iniciais JRC e, muito provavelmente, deve ter pertencido ao pai deste que vem a ser meu tetravô ou tataravô. João Cunha Júnior foi casado com Joanna Corina da Cunha e com ela teve três filhos; Maria da Cunha (Maroca), Perolina da Cunha (Sinhá), minha bisavó e, finalmente, Benedito da Cunha (Bibi). As cartas de Juca e Vidoca devem ter sido colocadas neste baú quando Perolina o recebeu por herança do seu pai. Anos depois, o baú passou ao poder do meu avô, João Gouveia, onde o acervo ficou guardado em segurança até chegar às minhas mãos.

Testemunho de uma época, por exemplo, são as notas fiscais de 1907 e 1908 da Casa Matriz, localizada à Rua Grande. Por elas, é possível apreender um pouco dos objetos e da cultura de consumo dos vianenses daquele período, como “tecidos de cambraia e chita, orinol esmaltado e de louça, caixa de charutos, cigarros G. Dias e grades de cerveja”. Aparece ainda o curioso manuscrito do jornal “Adamastor”, Anno 1, nº 2, de 31 de março de 1907, em que consta como iniciadores Mariano Cunha, Antonio Pereira e Antonio Lima. Uma das notícias ali estampadas e que chama atenção é a de uma “Catástrofe na Torre

Cartões de visita de vultos significativos da história de Viana, como a professora Coia Carvalho e seu irmão, o empresário Edgard Carvalho, o médico Sálvio Mendonça e o advogado Montail Saint Clair Aragão Silva (entre outros), também fazem parte da coleção de documentos encontrados. Além de exibir o português elegante da época, os cartões atestam a fidalguia e os costumes da classe mais abastada de Viana, no início do século passado.



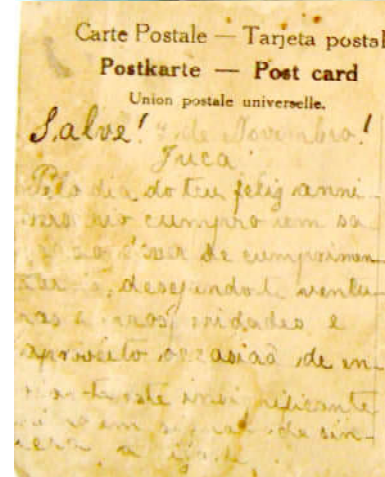
Do próprio punho da legendária professora vianense, um dos cartões traz a mensagem de congratulações pelo transcurso do aniversário do poeta; no outro, os votos de Boas Festas em 1916 e Feliz Anno Novo para 1917.



O cartão de participação do casamento de Maroca Cunha e Benedito Oliveira Gomes, realizado no dia 12 de julho de 1913



Trazendo as iniciais de seu primo, o cartão de boas festas de 1915, o baú de brocha que guardou o p



Cartão de aniversário, colorido e com mensagem, enviado pela esposa Perolina (Sinhá) Cunha. Salve! 4 de Novembro!

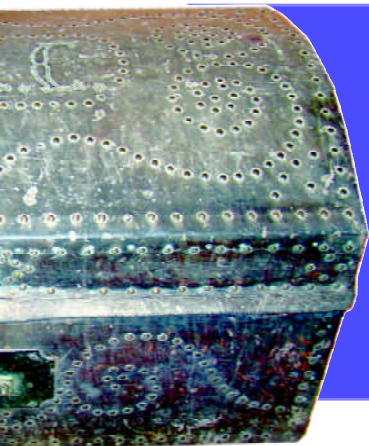
Juca
Pelo dia do teu feliz aniversário
dever de cumprimentar
prosperidade e aproveitamento
insignificante mimo em



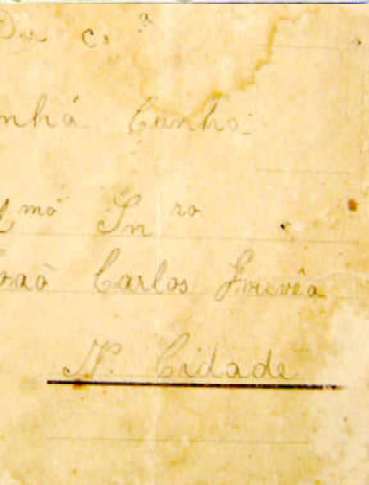
Peque
distrib
Tabaca
(proprie
Guima
estabelec
Lisboa nº
do
Como pr
cigarros
antiga tab
uso do jog
galanteio p
os com

JUCA GOUVEIA

em um rico acervo de grande significado para a memória vianense



proprietário gravadas na tampa, o so acervo por quase um século



o relevo, ofertado a Juca Gouveia m a seguinte dedicatória no verso:

rio cumpro um sagrado desejando-te venturas e casião de enviar-te este l de sincera amizade.

INVENTÁRIO DOS 1.449 ITENS DO ACERVO

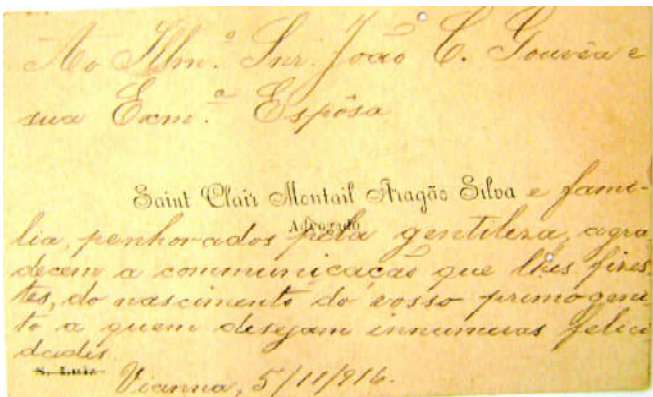
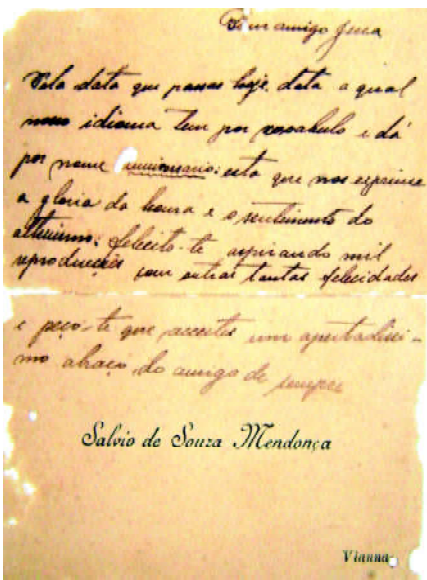
- 509 cartões de coleção
- 181 cartas
- 175 moedas dos séculos XIX e XX
- 155 documentos comerciais, notas fiscais e anotações em geral
- 116 poemas
- 80 cartões comemorativos e pessoais
- 55 cédulas de dinheiro
- 35 cartões postais
- 24 bilhetes
- 13 cadernos de anotações e diários
- 13 modinhas musicais
- 13 fotografias
- 9 jornais e recortes
- 4 orações

Da autoria de Juca Gouveia

- 49 poemas
- 11 discursos
- 7 contos

Transcrição do cartão de aniversário enviado a Juca Gouveia pelo amigo Sálvio Mendonça:

Bom amigo Juca,
Pela data que passas hoje, data a qual nosso idioma tem por vocábulo e dá por nome aniversário: esta que nos exprime a gloria da honra e o sentimento do altruismo: felicito-te aspirando mil reproduções com outras tantas felicidades e peço-te que aceites um apertadíssimo abraço do amigo de sempre. Sálvio de Souza Mendonça-Vianna



Transcrição de agradecimento enviado a Juca Gouveia e esposa pelo advogado Saint Clair:

Ao Ilmo Sr. João C. Gouvêa e a sua Exma. Espôsa
Saint Clair Montail Aragão Silva e família
penhor-ados pela genteliza, agradecem a comunicação que lhes fizestes, do nascimento do vosso primogênito a quem desejasse innumeras felicidades.
Vianna, 5/11/1916

da Matriz” ocorrida dia 24 de março daquele ano em que foi “derrotada partes della, pára-raios, cruz, etc, offendendo a igreja, furando o telhado, o forro, rachando o soalho do coreto, furando telhas de uma sachristia em diversas partes” e avaliando o prejuízo em “um conto de réis”.

Dentre os documentos oficiais, impressiona a conservação da escritura de compra do imóvel que se tornaria o Solar dos Lopes da Cunha. Meu trisavô, João Rodrigues da Cunha Júnior comprou “a morada de casa, coberta de telhas, de taipa e varas e tijolos, edificada em terreno próprio... cuja casa faz frente a rua das Flores desta cidade, canto a Rua Grande”, pelo valor de “um conto de réis moeda corrente” no dia 30 de maio de 1891. Consta ainda a promoção deste meu trisavô para o posto de Segundo Sargento do Batalhão nº 16 da Guarda Nacional da cidade de Viana no dia 5 de agosto de 1885.

As moléstias também aparecem à farta e o nome do famoso Ozimo Carvalho não poderia faltar. Em 1919, no Barradas (povoado de Monção), Juca Gouveia escreveu para a mãe contando o seguinte: “fui atacado de um princípio de congestão, tomei um escalda-os-pés e em seguida me apareceu uma febre com frio e dor de cabeça sem passar, quando milhorei um pouco tomei 1 caixa de pílulas do Ozimo, um purgante de azeite com calomelanos e um cinapismo de pimentas”.

A amizade de Anica Ramos e Vidoca Gouveia é atestada em várias cartas. Quando Anica estava no Maranhão (leia-se São Luís), contava as novidades naquele ano de 1914, dizendo: “Fui ao cinema, é muito bom... visitei diversas avenidas que são verdadeiro colosso, nem só pela beleza de suas construções como pelo ar que se respira mui agradável” e ainda reclama com a amiga “na tua cartinha trata-me das serenatas que não há mais” em Viana, replicando em seguida: “mas não por minha causa.”

A moda também era assunto comentadíssimo pelas vianenses. Zeíla Cunha escreveu à tia Vidoca contando detalhes da “última moda” da capital. Ela dizia em julho de 1919: “Remetto-lhe a fazenda da saia, não comprei escura porque não se uza mais, combinei com a modista e ella escolheu esse por ser de mais uso. Não encontrei figurino do mez de Agosto ainda não há, aqui encontrei somente ‘Rainha da Moda’ foi eu mesma quem procurou.”

Outras cartas demonstram interesses políticos e, principalmente, a preocupação em arrumar boas colocações para os parentes. Maroca da Cunha e Benedito Gomes, por exemplo, apressaram-se em tratar com Victorino Freire um emprego para vovô João. Numa carta, datada de 1947, Maroca dizia: “se ele demorar muito, irei falar com o Sebastião Archer.”

O acervo Juca Gouveia ainda revelará grandes segredos. Faltam analisar muita coisa e checar dados para montar genealogias. A mim, só resta agradecer ao meu avô, João Gouveia, pela sensibilidade e carinho com que guardou esse tesouro tão importante para a memória de Viana e que, a partir de agora, torna-se de conhecimento público.

*Mestre e Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Doutorado da FAPEMA

cartões
s pela
Minerva
do Casal
& Cia.),
Praça João
zem parte
vo.
anda dos
uquet”, a
ia já fazia
sedução e
conquistar
dores.



Manoel Trajano Rodrigues

Lourival Serejo

Muitas personalidades que marcaram épocas são esquecidas pelo decurso do tempo ou pela morte. Pessoas que realizaram algumas ações positivas em vida, muitas vezes deixam de ser lembradas por falta de um registro ou de uma simples publicação. Foi para suprir essa omissão em relação a Trajano Rodrigues que me dispus a traçar o perfil desse homem polêmico que deixou amigos e inimigos, fez admiradores e detratores, mas que reuniu qualidades inegáveis. Esta pesquisa foi iniciada em 1986 e só agora resolvo publicá-la. Naquela ocasião, recebi uma carta de padre Eider Silva sobre meu propósito, da qual destaco o seguinte trecho: “Para mim alguns exemplos deixados por Trajano honram sua terra e sua gente. Considero uma injustiça o fato de não ser lembrado nesta cidade o nome daquele seu filho. Compreende-se, porém. É que ele foi um defensor das causas de pobres, ‘pequenos’, oprimidos. Os grandes e poderosos não o toleravam.”

Manoel Trajano Rodrigues destacou-se, em Viana, como um verdadeiro tribuno e defensor dos direitos dos mais fracos. Sua posição destemida como advogado era uma segurança para o povo humilde que o procurava. Há fatos notórios, alguns pitorescos, lembrados por seus contemporâneos que bem refletem sua carreira aguerrida de lutas em prol dos seus constituintes, inclusive no Tribunal do Júri.

A imagem que tenho da pessoa de Trajano é bem vaga: foi a primeira e a única vez que o vi, na varanda da minha casa, no dia em que deixou Viana. Entretanto, a história das lutas e glórias de sua vida permanecem fortes em mim, pelas constantes referências dos meus conterrâneos e, particularmente, dos meus pais.

Da minha mãe, que morou na casa de Trajano, quando solteira, ouvi respeitadas lembranças do seu hospedeiro e amigo. Dela soube que quando ele estava com uma causa difícil ficava sentado em uma cadeira isolada no canto da casa, taciturno, alheio a tudo, mãos entrelaçadas, apostando no vai e vem dos dedos polegares. Dessa postura, saía para o estudo, depois para a máquina de escrever.

De meu pai, que era juiz suplente, ao tempo em que detinha quase total competência, soube que Trajano, ao requerer uma medida de urgência ou de uma grande importância, deslocava-se para a nossa Farmácia, onde meu pai trabalhava, e ali ficava por muito tempo, tentando convencê-lo, entre um freguês e outro, de que estava certo, por isto e por aquilo, acompanhando-o de um lado para o outro, em sua voz nasalada e gestos veementes.

Algumas das histórias contadas sobre Trajano dão conta de muitos inimigos que acumulou em decorrência de sua verve e de sua atuação como jornalista, político e advogado. Segundo me relatou Dr. Walter Coelho, certo dia, Dr. Lourival Costa, que exerceu a medicina em Viana por muitos anos e de quem herdei o nome, fez este desabafo para o monsenhor Arouche: “Estou saindo de Viana para não me tornar um criminoso, para não descarregar as balas do meu revólver em Trajano”.

Apesar de não ser formado, Trajano tinha tudo de que precisa um bom advogado: conhecimen-



to, dedicação e coragem. Sua coragem chegava ao ponto de torná-lo altivo e destemido, muitas vezes fustigando promotores e juizes.

A linguagem do advogado Trajano era forte e incisiva, não poupando seus adversários com ironias contundentes e, muitas vezes, até o próprio magistrado, em suas razões recursais.

Nos processos, sua arma principal eram os recursos, nos quais lançava, com veemência e ironia, toda sua inconformação. Alguns dos seus recursos chegaram até ao Supremo, onde colheu vitórias, merecendo, inclusive, referências elogiosas do ministro Cândido de Oliveira, em carta que foi publicada por um matutino local, positivamente, para calar um adversário com quem polemizava.

No Tribunal do Júri também sua presença foi notória, deixando na memória do povo alguns casos folclóricos.

Havia em Viana, um promotor que também era dentista nas horas vagas. Sempre que entrava em conflito com aquele, Trajano o recomendava que deixasse a promotoria para exercer apenas a função de dentista.

De propósito ou não, em um julgamento pelo júri, Trajano fê-lo funcionar como dentista. Para isso, apresentou uma inusitada tese que teria lido recentemente de que as pessoas com dentes cariados deveriam ter sua responsabilidade penal diminuída. Para conseguir esse benefício ao seu constituinte, solicitou que o promotor de Justiça se dignasse em examinar os dentes do acusado, ali presente. Deferido o pedido, aquele promotor deixou a tribuna para examinar os dentes do réu. Trajano sorriu satisfeito, pelo acolhimento de sua tese e por confirmar que o promotor era mesmo dentista.

O advogado Wady Sauáia contou-me, por carta, a seguinte história que merece ser reproduzida:

“Orestes Mourão, bom magistrado, - correto e culto, - era juiz de Viana. Surge uma ação a respeito de um burro. Na contestação, o juiz interpretou, a seu modo, que Trajano o chamara de burro. Manda intimá-lo a esclarecer. E o advogado explica: que apenas o burro deveria ser, por

ocasião da audiência, para perícia, amarrado ao **mourão**, à porta do Fórum. A ligação de **burro** e **mourão** não passava disso. E tanto, na explicação era isso, que, se não fora, teria escrito, por exemplo: O BURRO NA AUDIÊNCIA, E NÃO O BURRO NO MOURÃO...”

Manoel Trajano Rodrigues nasceu em Viana, aos trinta dias de novembro de 1892, sendo filho de Ulisses Rodrigues e Francisca Gonçalves Rodrigues. Casou-se em 13.03.1919, com Vitória Adelaide Mendonça Rodrigues. Faleceu, aos 73 anos de idade, em 02 de julho de 1967, deixando duas filhas: Ruth dos Remédios Rodrigues Duailibe, casada com José Ribamar Pinheiro Duailibe e Clóris Rodrigues de Oliveira, casada com o Dr. Gilberto Castro de Oliveira.

Do casamento se sua filha Ruth dos Remédios Rodrigues Duailibe com José Ribamar Pinheiro Duailibe nasceram os seguintes filhos: Carlos Jorge Rodrigues Duailibe, Cléia Duailibe Lima, José Ribamar Duailibe Filho, Manoel Trajano Rodrigues Duailibe, José Jorge Rodrigues Duailibe e Jorge Francisco Duailibe Neto.

Do casamento de Clóris Rodrigues de Oliveira com o Dr. Gilberto Castro de Oliveira nasceu Renato Rodrigues de Oliveira.

As pessoas que conviviam com Trajano têm dele a lembrança de uma pessoa prestativa, sensível aos problemas alheios e disposto a ajudar, principalmente os desprotegidos. Entre amigos, era também chamado de Neco Trajano, ou Seu Neco. Em família, era um pai exemplar.

O jornalista Trajano Rodrigues se destacou pela coragem com que enfrentou os problemas mais delicados, dando-lhe aquela publicidade que assustava os pusilânimes. Era uma linguagem que deixava desarmado seus adversários políticos.

Em Viana, dirigiu o jornal A CRUZADA, com o sub-título “Jornal de Ação Popular”, que serviu, por muitos anos, de veículo para suas idéias e denúncias e, ainda, arma para a defesa dos seus conterrâneos e até dos seus clientes.

Não foi Trajano um simples provisionado, mas um advogado combativo que assim se impôs ao reconhecimento de todos, pelo estudo, pela inteligência e desempenho. Tão competente era que um dos nossos eminentes advogados, o Dr. Wady Sauáia, orgulhava-se em chamá-lo de mestre e alardear que fora seu companheiro de escritório, com quem muito aprendera.

Para as novas gerações, preocupadas com a competição exagerada e pela obsessão em armazenar sucessivos cursos de pós-graduação, deixou Trajano Rodrigues comprovada a profundidade daquela singela lição do advogado Abrahão Lincoln, talvez o inspirador do ora biografado, quando recomendou: “Se você está resolutamente decidido a ser advogado, o seu desejo já é meia realidade [...]. O fato de viver numa grande cidade não tem a menor importância. Os livros e a capacidade para os compreender são a mesma em toda a parte. Tenha sempre presente que a sua própria resolução de vencer é mais importante do que tudo o mais”. (Thomas, P.Benjamim. Lincoln. Lisboa: Aster).

Entre amigos e inimigos, não se pode negar que Trajano sempre portou-se à altura que a tradição histórica do seu nome inspirava, destacando-se como jornalista e advogado aguerrido que deixou para a posteridade a polêmica das suas ações e a admiração por suas bravuras.



WALBER DUAILIBE

★ 21/03/1931

† 12/09/2008

Em plena campanha por uma cadeira na Câmara Municipal, faleceu repentinamente, no dia 12 de setembro último, o ex-prefeito de Viana, Walber Duailibe.

Walber inscreveu-se na história de Viana pelo exercício de dois mandatos como Prefeito Municipal. O primeiro foi de janeiro de 1973 a janeiro de 1977; o segundo, com duração de seis anos, foi de 1983 a 1988.

Detentor de uma popularidade bastante elevada, Walber foi um administrador controvertido, optando pelo clientelismo. Posteriormente, também exerceu o cargo de deputado estadual.

Como pessoa, todos os que privaram de sua intimidade, ressaltam seu alto senso de humanismo e solidariedade, qualidades que certamente o ajudaram a angariar a simpatia da comunidade local. Para os amigos, era ainda um homem desprendido de futilidades e valores materiais.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

ESTÊVÃO MAYA-MAYA

Musicalidade vianense além fronteiras

Luiz Alexandre Raposo

José Estêvão Maia, filho de Raimundo Maia e Maria da Conceição Silva Maia, nasceu no dia 21 de setembro de 1943, no povoado do Pano Grosso.

Muito cedo ainda, quando tinha apenas cinco anos de idade, o menino veio para Viana, a fim de ser criado por uma tia-avó, que morava no final da atual Rua Amélia Carvalho, nas vizinhanças da residência da professora Cória Carvalho. E foi assim, por uma dessas contingências da vida, que desde cedo teria contato com a música erudita, ouvindo óperas e operetas que a octogenária professora colocava para tocar no velho gramofone de sua casa.

Desse período da infância outras lembranças ficariam gravadas na memória, como as toadas de boi que gostava de cantar e o aprendizado do ofício de alfaiate. Também não seria esquecido o trauma da expulsão da extinta Escola Paroquial, na última série do antigo primário. Por ter freqüentado a festa de São Benedito da Barreirinha, promovida pela Igreja Brasileira, foi banido da escola pelo severo padre Manoel Arouche. Todavia, graças à ajuda da professora Celeste Carvalho, matriculou-se no Colégio São Sebastião, onde fez a 5ª série e concluiu o curso.

Na adolescência, entregou-se a dois hábitos prazerosos: cantar em serestas e jogar cartas. O primeiro tinha certo ar de virtuosidade, enquanto o outro era extremamente perigoso. Por ironia da vida, o segundo acabou provocando um encon-

tro inusitado que alavancaria o primeiro. No verão de 1962, depois de perder várias partidas em um dos ranchos de pescadores que, naquela época, eram armados na ilha de Sacoã, retornou no dia seguinte para pagar seu débito e reaver o baralho empenhado. Coincidentemente, o bem-sucedido comerciante José Pinheiro estava por lá, acompanhando o cunhado, Padre João Mohana, em um passeio de canoa. Ao vê-lo, o comerciante o chamou para apresentá-lo ao padre, elogiando suas qualidades vocais. A pedido do sacerdote, tímido e envergonhado, o jovem cantou um pequeno trecho de uma canção.

A partir desse momento, aos 19 anos de idade, o desenrolar de sua vida mudaria completamente. Estimulado pelo sacerdote, Estêvão viajou para São Luís, a fim de submeter-se a um teste para a antiga Academia de Música do Maranhão, então dirigida pelo professor Bruno Wizui, um polonês radicado no Brasil que, por coincidência, tinha seu mesmo tipo de voz.

Em São Luís, o cantor foi adotado pela elite intelectual da época,



composta por Carlos Cunha, José Chagas, Nauro Machado, Ubiratan Teixeira, Lopes Bogéa e outros. Nesse convívio, ganhou mais um importante incentivador, o professor Nascimento Moraes. Angariando donativos junto aos irmãos maçônicos, o conceituado mestre o encaminhou para continuar os estudos de canto em Salvador. E foi assim que o jovem vianense bacharelou-se em *Música no Teatro*, pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, em 1968.

Dono de uma voz rara e potente (classificada como baixo profundo e que alcança uma extensão de aproximadamente três oitavas), José Estêvão Maia – que adotaria o nome artístico de Estêvão Maya-Maya – já recebeu aplausos de platéias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Sua experiência como cantor lírico, hoje, inclui recitais e concertos como solista, acompanhado de renomados pianistas e de grandes orquestras como a Sinfônica do Estado de São Paulo. Em Buenos Aires teve a glória de cantar no famoso Teatro Colón.

Em seu extenso currículo cons-

tam a atuação na ópera *Jesus Christ Superstar* (que originou a gravação do LP da versão brasileira, na qual interpreta o personagem Caifás) e a direção musical do espetáculo *Hair*, em São Paulo (ambos em 1972), o show *Síntese da História do Jazz* (1982/83), entre outros. Como pesquisador da música brasileira e afro-brasileira possui trabalhos de direção musical a exemplo da ópera *Ongira: grito africano* (1980) e a gravação da trilha sonora do seriado *Abolição*, da Rede Globo, com o Coral Cantafro (1988).

No campo da literatura, em parceria com o poeta maranhense Vilmar Ribeiro, publicou uma coletânea de poesias com o título de *"Cantiga para gente de casa chegada em cima da hora"*. O livro, vendido de mão em mão, alcançou a extraordinária tiragem de 4.900 exemplares. Em 1982 veio a segunda obra, intitulada *"Regresso Triunfal de Cruz e Souza e os Segredos de Seu Bitá Dá-Nó-em-Pingo-d'Água"* que reúne dois trabalhos distintos: a primeira parte tem o propósito de combater informações distorcidas sobre o poeta simbolista, e a segunda, de divulgar um longo poema sobre as mazelas infantis vividas em Viana.

Atualmente, aos 65 anos, o titular da Cadeira nº 23 da AVL reside em São Paulo, onde tem se dedicado às artes cênicas, seja atuando ou dirigindo peças. No cinema participou como ator dos filmes *"Sonhos Tropicais"* de André Sturm (2000) e *"De Passagem"* de Ricardo Elias (2002), tendo este último obtido cinco prêmios no penúltimo Festival de Gramado.

PADRE CONSTANTINO TRANCOSO VIEIRA

Um vianense a serviço do povo de Deus

Luiz Alexandre Raposo

Filho do casal Aureliano Antônio Vieira e Rita de Cássia Trancoso Vieira, Constantino Trancoso Vieira nasceu, em Viana, no dia 29 de outubro de 1901.

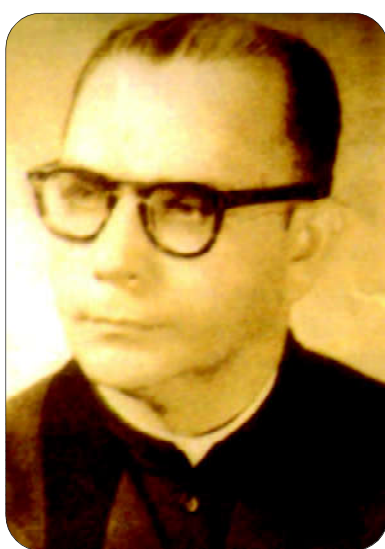
Aos treze anos de idade, o adolescente deixou a cidade natal e o convívio dos pais e de seus dois outros irmãos (Antônio e Hilda) para ingressar no Seminário Santo Antônio, em São Luís, onde receberia os óleos sagrados da ordenação sacerdotal, em 22 de março de 1925, ao lado do colega e não menos brilhante confratão, Astolfo Serra.

Imediatamente designado para a paróquia de Alto Parnaíba, ali chegou com toda a fé e o entusiasmo de seus 23 anos para exercer o sacerdócio junto ao povo católico daquela distante localidade. Depois de cinco anos, em 1930, foi transferido para Pastos Bons, cidade na qual trabalharia por mais de duas décadas, granjeando por todo esse tempo o respeito e a admiração de seu rebanho que via nele um autêntico apóstolo e líder espiritual.

Segundo o jornal *"Pastos Bons"* (ano I – edição nº 2), órgão informativo e cultural daquele município, o padre Constantino Vieira era zeloso de suas funções, fazia da palavra fácil e do pensamento lúcido, na exposição da doutrina católica, um instrumento poderoso de comu-

nicação, função essa que se tornava mais fácil pelos dons artísticos que possuía, dirigindo o coro da igreja como cantor e pianista. Sua atividade nesse campo atraía as pessoas mais jovens e dava às festas religiosas, sobretudo as novenas do padroeiro São Bento, um tom animado e participativo, impregnado do sentimento de fé e de respeito ao culto religioso.

A preocupação com os problemas sociais e seu interesse em servir as comunidades pobres acabaram por conduzi-lo à política, conseguindo assim eleger-se como suplente de senador. Durante o curso da vigência, entretanto, por divergir frontalmente com o titular do cargo, o senador pelo Maranhão Clodomir Cardoso, decidiu renunciar à suplência, através de um telegrama endereçado ao Senado Federal. Um fato, porém, viria modificar sua drástica decisão: a morte repentina do titular, pouco tempo depois de sua expressa desistência da carreira política. O padre Con-



stantino tentou revogar seu ato, mas por já haver homologado a renúncia, o Senado lhe indeferiu a pretensão, fazendo-o, então, recorrer ao Poder Judiciário, instância onde tampouco alcançaria êxito.

Em 1952, já licenciado pelo bispo de Caxias, jurisdição a que pertencia a paróquia de Pastos Bons, mudou-se para São Luís, passando a exercer atividades de caráter administrativo como a de ecônomo do Palácio Arquiepiscopal, secretário do arcebispo, chanceler da Cúria e Chantre do Cabido Metropolitano.

Em todo esse tempo voltado para o sacerdócio e a política, padre Constantino jamais se esqueceu de suas origens: as férias eram sempre passadas em Viana, quando tinha oportunidade de rever os pais, irmãos e amigos. O jornal vianense *"A Época"*, enquanto circulou (1929 a 1932), registrou por várias vezes sua chegada à cidade. O sacerdote ainda escreveria alguns artigos, como colaborador, para o jornal do Dr.

Ozimo de Carvalho.

Exercendo o sacerdócio na capital maranhense, o já Cônego Constantino Vieira assumiu também o cargo de professor e capelão da antiga Escola de Enfermagem "São Francisco de Assis", situada na Rua Rio Branco, a qual daria origem à Faculdade de Enfermagem, atualmente encampada pela UFMA.

Atacado pela leucemia, o religioso faleceu no dia 10 de fevereiro de 1964. O *"Jornal do Maranhão"* registrou sua morte da seguinte maneira: *"Às vésperas de completar o seu 39º ano de apostolado e dedicado ao sacerdócio, aos 63 anos de profícua existência, morreu placidamente, tendo à cabeceira o seu bispo, rodeado de inúmeros sacerdotes que acorreram pressurosos ao quarto 6 da Santa Casa de Misericórdia, ao terem notícias de seu grave estado de saúde."*

Em janeiro daquele mesmo ano, o então papa Paulo VI o agraciara com o título de *"Camareiro Secreto"* (oficial da Câmara do Papa). Infelizmente, o título só chegaria ao conhecimento do clero maranhense um mês após o falecimento do extremado sacerdote.

Elevando seu nome à constelação dos vianenses imortais, a AVL oficializou a figura do Padre Constantino Trancoso Vieira como patrono da cadeira de nº 26, cujo titular é o jornalista aposentado, Benedito Francisco Silva.

O fenômeno “bola no céu”

Como o surgimento dos primeiros satélites, nos céus de Viana, provocou curiosidade e temor entre a população daquela época

Luiz Alexandre Raposo

O ano era o de 1962.

A cidade, ainda com uma iluminação muito precária, à base de um gerador a diesel, passava meses inteiros totalmente às escuras, quando o tal gerador (ou motor, como as pessoas chamavam) sofria uma pane qualquer.

Por isso, a expressão “a noite tá escura como breu” era muito usada, principalmente quando alguém chegava à janela para dar uma “espiadinha” na rua com a pretensão de identificar algum passageiro.

Além do firmamento lastrado de estrelas e dos vaga-lumes que cortavam o espaço, dando certa magia às noites sem lua, a escuridão somente era cortada pelo foco de uma ou outra lanterna de algum privilegiado. Ou ainda pelos faróis possantes de um caminhão que, regressando de São Felipe ou Três Palmeiras abarrotado de sacas de arroz, farinha e babaçu, entrava pelo antigo Caminho Grande para rasgar as trevas das ruas estreitas da cidade.

Nas noites enluaradas, então, era comum as pessoas sentarem-se nas calçadas, à porta das casas, para um bate-papo noturno. Invariavelmente, enquanto as conversas se desenrolavam, os olhares perscrutavam o céu à procura de uma estrela cadente ou simplesmente para contemplar a lua em meio à imensidão de nossa via láctea.

Foram esses o cenário e o contexto propícios para o surgimento do misterioso fenômeno que vez por outra se desenhava nos céus vianenses.

Objeto não identificado – Não se poderia precisar quando, ou quem, pela primeira vez detectou aquela pequena luz, tão parecida com uma estrela, que vagava entre as demais. Certamente não era uma estrela, pois a luzinha brilhante viajava pelo espaço infinito. Também não podia ser um avião, já que não se ouvia nenhum ruído de motor por mais distante que fosse. O que seria então? Uma nave espacial, um desses discos voadores dirigido por seres extraterrestres?

A novidade espalhou-se rapidamente pela cidade, acirrando a curiosidade de todos. Assim, por alguns meses, nas noites em que a estrelinha vagante reaparecia nos céus de Viana, o alvoroço era geral. Pessoas corriam para o meio das ruas ou para os quintais de



suas casas e, entre curiosas e amedrontadas, apontavam e indagavam-se sobre o que seria aquele estranho objeto luminoso. Em pouco tempo, o fenômeno ficaria popularmente conhecido como “bola no céu”.

Às vezes, acontecia de as famílias ainda estarem em volta da mesa do jantar, quando alguém soltava o alarde: “bola no céu”! Era o suficiente para que todos largassem o prato e corresse para o meio da rua. Numa dessas noites, quando ainda existia a pequena Praça de São Sebastião (local hoje ocupado pela Escola Normal) o fenômeno quase provocou um acidente de maiores consequências.

As vacas de Seu Firmi-
no – Um dos moradores da Praça de São Sebastião era Firmi-
no Tinga, famoso guia do tradicional baile de São Gonçalo, que ali residia com a família. Seu Firmi-
no possuía algumas cabeças de gado que eram soltas no campo, durante o dia, e que à noite eram recolhidas para dormir na praça.

Moradoras também nas vizinhanças, as irmãs do então deputado Travassos Furtado, dona Dedé e dona Das Dores, por esse tempo criavam um garoto negro, chamado José Melônio, para lhes ajudar nos afazeres domésticos.

Certa noite, ao avistar o objeto não identificado, o garoto saiu do quintal da casa em desabalada carreira, gritando

“bola no céu”. Eufórico e excitado, Zé Melônio correu em direção à praça, esquecendo-se dos animais ali deitados e perigosamente encobertos pela escuridão. O choque foi inevitável. Assustada com os gritos do menino, uma das vacas se levantou no momento em que ia ser literalmente atropelada. Resultado: cheio de escoriações pelo corpo, provocadas pelos chifres do animal, sangrando e chorando muito, o pequeno Zé Melônio foi socorrido pelas prestimosas irmãs Furtado.

Coisas de americano – O tempo passou e aos poucos a “bola no céu” foi perdendo o sabor de novidade e consequentemente perdendo também o interesse da população, até que o mistério fosse finalmente elucidado, mais de um ano depois de sua aparição.

Foi quando jornais e revistas passaram a publicar reportagens sobre os sofisticados aparelhos, chamados satélites, que americanos e russos lançavam ao espaço com o objetivo de aperfeiçoarem as comunicações no planeta.

Dessa maneira, ficou-se sabendo que naquele ano de 1962 havia sido lançado o pri-

meiro satélite de utilização comercial, patrocinado pela American Telephone and Telegraph, chamado Telstar 1. Girando em órbita baixa, provavelmente seria esse o satélite que se tornaria tão visível em Viana.*

Os vianenses mais céticos, todavia, diziam que “esse negócio de comunicação era apenas conversa fiada”. Para eles, na verdade, o que americanos e soviéticos pretendiam mesmo era a espionagem mútua.

Boa Esperança – No início da década seguinte, com a chegada da energia elétrica de Boa Esperança, que rompeu o breu das noites da cidade e trouxe a televisão, a população vianense começou a perder antigos e saudáveis costumes, como o de sentar à noite, na porta de casa, para conversar com amigos e vizinhos ou simplesmente para admirar a beleza de um céu estrelado.

* A partir de 1962, outros satélites foram lançados a fim de realizar testes, aperfeiçoamentos e comunicações intercontinentais, além de tentar atrair atenção e mercado. Dentre estes constam: Telstar 2, Relay 1, Relay 2, Syncom 1 e Syncom 2. O Syncom 3 entrou para a história por ter realizado pela primeira vez, ao vivo, a retransmissão dos jogos olímpicos de 1964.

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000

